

Doc de Oliver Stone sobre Lula é aplaudido

PÁGINA 3



'A Menina Dança' celebra a heroína Maria Felipa

PÁGINA 2



Thati Dias faz bela estreia fonográfica com 'Soturna'

PÁGINA 6



2º

CADERNO

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Como disse certa vez George Balanchine, um dos maiores Mestres de Ballet de toda a história, dançar os balés de Tchaikovsky é como

voar. Eles voam. Desde a sua estreia em São Petersburgo, em 1895, o "Lago dos Cisnes", de Marius Petipa e Lev Ivanov, tem sido um espetáculo fundamental, mesmo que alterado, por gerações de coreógrafos e dançarinos.

Peça de abertura da temporada de ballet do Theatro Municipal, sob a regência do maestro Tobias Volkmann, concepção e adaptação de Hélio Bejani e Jorge Teixeira, a partir de Marius Petipa e Lev Ivanov, o "Lago do Cisnes", realiza com o Corpo de Baile e Solistas, os primeiros bailarinos, uma volta triunfal.

"Remontar o 'Lago dos Cisnes' é sempre um desafio, por se tratar de uma das mais difíceis criações de Marius Petipa (coreografia) e Tchaikovsky (música). Considero uma celebração, pois é uma obra que permanece sendo dançada desde 1876. Assinei essa remontagem, pela primeira vez, em 2012, para a Cia Brasileira de Ballet, que se apresentou em diversos teatros pelo Brasil e ainda na cidade de Villavicencio, na Colômbia. A partir de 2019, com a Cia BEMO e em 2022, com o BTM, iniciei uma nova fase de remontagens em parceria com meu amigo Hélio Bejani e com uma nova safra de talentosos jovens bailarinos", afirma Jorge Teixeira, Maître de Ballet e Ensaíador (BTM).

Há quem diga que os cisnes são os símbolos da fidelidade, pois escolhem um companheiro e ficam com ele até a sua morte. Assim, os bailarinos movem-se em um uníssono mágico como os majestosos e cintilantes cisnes, emocionando com a fábula romântica de transformação onírica. A composição da história de Odette, transformada em cisne pelo malvado feiticeiro Von Rothbart, só



Daniel Ebendiger/Divulgação

O BALLET POR EXCELENCIA

Municipal recorre ao 'Lago dos Cisnes', coreografia clássica de Petipa e Ivanov para a música de Tchaikovski, para abrir sua temporada de dança

A montagem de 'O Lago dos Cisnes' abre a temporada de ballet do Theatro Municipal

poderá ser libertada do feitiço se um homem prometer amá-la para sempre. O que pode quebrar o feitiço? A resposta é a mesma de sempre: amor verdadeiro. Ao final, Odette e Siegfried cometem suicídio para viver juntos sempre.

Lago dos Cisnes é um ballet de repertório, pois toda companhia de dança possui a sua própria versão, e seu poder reside na sua utilização dos conjuntos de bailarinos. Há uma diferença, pois o corpo – braços, mãos, pernas, pés e cabeças, de forma suave, de forma fluida às costas. À medida que esculpem o ar, os corpos os seguem, dobrando-se e

curvando-se em movimento transcendente. É uma diferença sutil que muda tudo. Como mulheres, esses cisnes não são mais criaturas, mas algo mais poderoso.

"O Lago dos Cisnes" é um dos ballets mais populares e aclamados do repertório clássico mundial, conhecido por sua bela música e coreografia deslumbrante. Nessa nossa versão, assinada por mim e pelo maître de ballet Jorge Teixeira, trazemos um peso artístico que transcende a técnica pura e simplesmente, possibilitando que nossos bailarinos atuem dentro da principal característica da nossa Companhia, a técnica através da emo-

ção", ressalta o Diretor do Ballet do Theatro Municipal, Hélio Bejani.

SERVIÇO

O LAGO DOS CISNES

Theatro Municipal (Praça Floriano, s/nº - Cinlândia)

Até 26/5, de quarta a sábado (16h), domingo (19h) e segunda (17h e 21h)

Ingressos: R\$ 80 (frisas e camarotes, ingresso individual) ou R\$ 480 (6 lugares) | R\$ 60 (plateia e balcão nobre)

| R\$ 40 (balcão superior e lateral) | R\$ 20 (galeria central e galeria lateral)

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Marina Person e Lázaro Ramos em 'O Papel da Vida'

Canal Brasil reprisa episódios de 'O Papel da Vida'

"O Papel da Vida", programa apresentado por Marina Person durante dois anos no Canal Brasil, passou a ter episódios reprisados, de segunda quinta, sempre às 21h30. A seleção de conversas traz entrevistas de atores que falaram sobre os papéis importantes de suas carreiras. Destaque para os episódios com Lázaro Ramos, que fala

sobre Deco, personagem em "Cidade Baixa", de Sérgio Rezende; Mariana Ximenes, a Marina, de "O Invasor", de Beto Brant; Camila Pitanga, a Lavínia, de "Eu Receberia as Piores Notícias dos Seus Lindos Lábios", de Beto Brant e Renato Ciasca; e Selson Mello, o Benjamin, de "O Palhaço", filme dirigido por ele próprio.

Elenco fechado

A In Cena Produções anunciou nesta segunda-feira (20) o elenco da comédia musical "República Lee – Um Musical ao Som de Rita", durante o projeto "Dramaturgia em Leitura". A peça vai estreiar no dia 12 de julho, no Teatro Viradalata, em São

Elenco fechado II

Com texto e direção de Tauá Delmiro, o espetáculo reunirá no palco os atores/cantores Cella Bártholo (Jullie), Caio Nery (Caio), Rodrigo Salvadorette (Danilo), Ingrid Klug (Sarah), Pedro Balu (Darín) e João Ferreira e Luiza Cesar (swings).

Estreia

A comédia romântica "Morando com o Crush", do diretor Hsu Chien, estreia nos cinemas nesta quinta-feira (23). Estrelado por Giulia Benite ("Turma da Mônica - Laços" e "Turma da Mônica - Lições") e Vitor Figueiredo (em seu primeiro longa).

Tragédia

Nesta terça-feira (21), às 22h30, a jornalista e escritora Daniela Arbex concede entrevista exclusiva ao Trilha de Letras (TV Brasil) sobre o livro "Longe do Ninho", sobre o incêndio que matou dez jovens atletas das categorias de base do Flamengo.

Uma celebração à heroína Maria Felipa em 'A Menina Dança'

Valmyr Ferreira/Divulgação

Espectáculo traz ao palco ritmos afro como maracatu, jongo, maculelê e samba de roda

Um projeto de dança, voltado para o público infantil e que conta a história de uma heroína da pátria: Maria Felipa. Este é o pano de fundo de "A Menina Dança", espetáculo de dança afro em ritmos como maracatu, jongo, maculelê, samba de roda e outros, sempre conectado ao corpo e enredo histórico.

Contemplado no Edital Sesc Pulsar, o espetáculo está em cartaz no Ssc Tijuca, com apresentações gratuitas. O projeto integra a programação do Festival de Dança Corpo Negro do Sesc RJ.

"A Menina Dança" apresenta uma personagem acessível ao espectador mirim, que percebe a importância do tema. Através da dança são reveladas histórias que precisam ser multiplicadas. Durante a apresentação, a personagem trará sua história, sua amizade com os peixes - que estarão em cena também - e como conseguiu afundar, juntamente com seus amigos locais, mais de 40 navios na Ilha de Itaparica (BA), durante a independência do Brasil. A peça tem uma linguagem específica para crianças da pré-infância à infância, com cantigas conhecidas em seu dia-a-dia, trazendo conexão com as cenas retratadas no palco.

De acordo com a crítica teatral e dramaturga, é necessário ter um olhar de admiração e afeto com relação à história dos negros brasileiros. Segundo ela, os artistas



O elenco do espetáculo, que fica aem cartaz até domingo no Sesc Tijuca

farão este papel através do lúdico para a pré-infância e infância, sendo essa a linguagem abordada na obra. "Contar essa história com beleza é nosso foco. A importância de Maria Felipa é imensa. Falamos da luta de uma mulher negra, líder e empoderada, para crianças que são multiplicadoras de ideias. Falar de uma pessoa apagada pela história, por sua cor e gênero, é um movimento imponente", analisa Paty.

A diretora artística do espetáculo é Flavia Souza, multiartista premiada e bacharela em dança pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com 21 anos de carreira na área artístico cultural. Ela assina o trabalho coreográfico-corporal do elenco. Ano passado, a profissional foi indicada como Melhor Atriz Coadjuvante no prêmio internacional Los Angeles Brazilian Film Festival (LABRFF), nos EUA, pelo filme "Nosso Sonho", cinebiografia de Claudinho e Buchecha. Também é coordenadora do grupo Cultural Afrolaje e titular do Fórum de Mulheres do Hip Hop pelo Mi-

nistério das Mulheres. "Apesar de minha vasta experiência profissional, essa é minha estreia na direção de um espetáculo de dança infantil. É uma responsabilidade sem tamanho, principalmente por se tratar de um tema antirracista para a infância", diz Flávia.

A atriz e dançarina Gabriela Luiz é a protagonista. A artista foi indicada ao Prêmio de Melhor Atriz no Centro Brasileiro Teatro para a Infância e Juventude (CB-TIJ), além de fazer a direção de movimento do espetáculo "Nem Todo Filho Vinga", que levou o Prêmio Shell, em 2022, como Melhor Direção Artística.

Na peça, cinco bailarinos em cena trazem conceitos afro-brasileiros. A estética visual do espetáculo também estará voltada à cultura africana, desenhada pelo figurinista Ricardo Rocha, vencedor do Prêmio CBTIJ como Melhor Figurinista.

SERVIÇO

A MENINA DANÇA

Teatro I do SESC Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539)
Até 26/5, sexta (11h e 15h),
sábado e domingo (16h)
Entrada franca

Documentário de Oliver Stone sobre Lula recebe aplausos durante estreia em Cannes



Por Leonardo Sanchez (Folhapress)

Um coro de “olê, olê, olá” se uniu aos aplausos efusivos ao fim da estreia do documentário “Lula”, no Festival de Cannes, no último domingo (19). Dirigido pelo americano Oliver Stone, ao lado de Rob Wilson, o filme foi exibido em caráter especial e viu os ingressos para suas sessões se esgotarem rapidamente. Eram os brasileiros que formavam a maior parte do público na estreia do filme que narra a trajetória recente do presidente, mas outros idiomas também eram ouvidos na sala Agnès Varda.

Antes de a sessão, Thierry Frémaux, diretor de Cannes, chegou a perguntar, brincando, quem ali amava o petista. Houve aplausos. “Não se preocupe, Oliver, sabemos como vai ser a recepção a esse filme”, deisei, olhando para o cineasta.

“Este filme é sobre uma pessoa muito especial no mundo hoje”, disse Stone pouco antes. “Eu admiro muito este homem e sei que muitas pessoas das classes mais ricas o odeiam. A vocês que estão aqui hoje, não o odeiem, porque ele é uma alma maravilhosa.”

Stone venceu o Oscar de roteiro por “O Expresso da Meia-Noite” e dois de direção por “Platoon” e “Nascido em 4 de Julho”. Ele já gravou lideranças da esquerda latino-americana em “Comandante” e “Mi Amigo Hugo”, sobre o cubano Fidel Castro e o venezuelano Hugo Chávez, de quem era amigo.

Lula também já havia sido capturado por sua câmera, no longa “Ao Sul da Fronteira”, de 2009, em que Stone conversou com diversos líderes políticos da região. Há meses “Lula” tem gerado interesse da imprensa e da cinefilia tanto nacionais quanto estrangeiras.

No filme, a câmera de Stone e Wilson captura Lula como um grande estadista, criando para ele momentos grandiosos a partir de imagens de arquivo de emissoras brasileiras



Oliver Stone e Lula durante a fase de pesquisas para a produção do documentário

Clima de comício na Croisette

e estrangeiras, de trechos de documentários e especiais de TV sobre a sua vida e de imagens do arquivo pessoal do presidente.

“Obrigado por estarem aqui. Isso é comovente. É uma honra. Espero que vocês possam ver Lula como um ser humano, depois desse filme, e que possam ver que é possível, para todas as democracias do mundo, ter um líder como Lula, eleito para governar para o povo. Que faz promessas e que de fato entrega o que prometeu”, disse Wilson ao fim da sessão.

“Lula” se concentra no momento de sua prisão, em abril de 2018, e vai até as últimas eleições presidenciais, com a derrota de Jair Bolsonaro. Mas também volta à sua infância pobre, mostra seus três casamentos, recupera sua trajetória como sindicalista, lembra o impeachment de Dilma Rousseff e faz uma breve apresentação sobre o que foi a ditadura militar brasileira.

Stone e Wilson encontram brechas para destacar o envolvimento dos Estados Unidos

no golpe de 1964, num atentado à soberania brasileira que ressurgiria, defende o filme, na articulação da prisão de Lula há seis anos.

Ao ser entrevistado, Lula fala de uma “quadrilha internacional com a CIA, o FBI”. São muitos os minutos dedicados à relação delicada entre Brasil e Estados Unidos. Stone, em sua filmografia prévia, se debruçou sobre teorias conspiratórias para diversos acontecimentos da história americana. Ele volta a dar seu palpite.

A movimentação pela prisão de Lula teve apoio americano, defende o filme, que diz que a Casa Branca nunca se recuperou da tentativa frustrada de criar um bloco econômico que unisse as Américas, durante a presidência de George W. Bush.

O documentário lembra ainda que, num curto período de tempo, líderes latinos de esquerda foram depostos, presos ou vencidos, mais sugerindo que houve algo por trás dessas coincidências do que as analisando como

resultado de uma onda política que tomou o continente.

São várias as entrevistas que os cineastas tiveram não só com Lula, mas também com Janja, Glenn Greenwald, colunista da Folha, Cristiano Zanin, Valeska Martins e Walter Delgatti Neto, o hacker da Lava-Jato. Este, junto com o jornalista Glenn Greenwald, é tratado como herói, enquanto a grande mídia brasileira é pintada como cúmplice da ascensão da ultradireita no Brasil.

A Globo é citada e criticada deliberadamente pelos entrevistados, sem que haja um canal para sua defesa. Patrícia Campos Mello, repórter especial da Folha, por outro lado, aparece numa imagem de arquivo ajudando o filme a analisar o fenômeno bolsonarista.

Em geral, não há espaço para qualquer tipo de oposição, num movimento semelhante ao adotado por outros documentários recentes sobre a vida política brasileira, “Democracia em Vertigem”, de Petra Costa, e “O Processo”, de Maria Augusta Ramos.

Quando Sergio Moro apareceu na tela pela primeira vez, em imagens de arquivo, o público presente na sessão em Cannes o vaiou, ainda que timidamente. Exclamações de surpresa em idiomas que não o português também podiam ser ouvidas nos trechos de entrevista em que Bolsonaro ataca mulheres e homossexuais ou louva a tortura.

Foram pouco mais de cinco minutos de aplausos, em pé, ao fim do filme, que é encerrado com um samba que vai crescendo ao fundo de um discurso grandioso após a recente vitória eleitoral de Lula, em clima de festa.

ENTREVISTA / KEFF, CINEASTA

'A vida não é algo que traz conforto'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Sequências de tensão eletrizante fazem de “Locust” um candidato a sucesso de público entre os achados do 77º Festival de Cannes, revelado na Semana da Crítica, mostra competitiva paralela à disputa pela Palma de Ouro. Espaço voltado para novos talentos, a mostra vê no jovem cineasta taiwanês Keff uma revelação. É ele quem conduz, nas raias do suspense, a saga do jovem Zhong-Han, que muda de perfil ao entrar para uma gangue. O chamado do crime o atrai até o momento que afeta sua família. Ali ele precisa fazer uma escolha, ou reagir. Sua reação rende situações no limite da brutalidade, filmadas com requinte plástico.

Nesta terça, a Semana recebe o concorrente brasileiro: “Baby”, de Marcelo Caetano, sobre um jovem recém-saído de um reformatório, que aprende novas formas de (sobre)viver. É parte da seleção luminosa da Croisette em 2024.

Na entrevista a seguir, Keff fala ao Correio da Manhã sobre a Taipei que retrata em “Locust”.

Qual é o recorte geográfico de Taiwan que vemos no filme?

Keff: Filmamos em toda Taipei, mas em especial numa região encarada como “cidade velha”, chamada Wan Hua. A modernização porque o meu país passou faz com que as pessoas já não conheçam mais os seus vizinhos. Mas em Wan Hua, não. Ali existe um clima mais acolhedor. Curiosamente, foi o lugar mais afetado durante a pandemia. Mas existe um charme local muito forte. O grande conflito geopolítico sobre Taiwan que está no filme é o fato de a nação ter passado por um grande boom econômico nos anos 1960 o que ampliou



Rodrigo Fonseca

Keff na sede da Semana da Crítica de Cannes

a construção nas duas décadas seguintes. No fim dos anos 1980, esse crescimento parou. Na região onde “Locust” se passa, a sensação que temos é de estar numa capsula do tempo, indo a uma certa sensação de passado.

Esse passado também parece evocar o cinema, sobretudo os filmes de ação dos anos 1980. A que narrativas você se reporta diretamente com relação à Era Ploc?

“As pessoas hoje têm dificuldade enorme de dialogarem. Meu filme fala sobre esse abismo da inabilidade de as pessoas conversarem”

Por eu me referir a Hong Kong, as pessoas pensam em grandes filmes feitos lá nos anos 1990, como os longas de John Woo, tipo “Fervura Máxima”. Mas não é por

aí que eu vou. Meu interesse pela representação da violência na tela não passa pela tecnicidade. Não gosto de representar um confronto com beleza, mas, sim, com a rus-

ticidade de uma briga de bar. Não por acaso, em “Locust”, eu pedia que meu coreógrafo criasse lutas menos “arrumadinhas”, de modo a bagunçar mesmo os movimentos. Filmei com câmera na mão para garantir esse estilo. O filme de Hong Kong que mais me interessava era “As Tears Go By – Conflito Mortal”, de Wong Kar-Wai. Ali tem um lado romântico que me interessa. Esse romantismo está no fascínio que leva alguém a entrar numa gangue, a querer ser um gângster. O fascínio de fazer parte de um grupo, uma outra família.

Esse fascínio, no caso do seu protagonista, não passa por uma sensação de solidão? Se sim, que solidão é essa?

A vida não é algo que nos traz conforto e ele percebe isso. Ele entra num mundo novo, e hostil. O que ele faz é proteger sua dignidade, seja lá a que custo. Essa gangue a que sujo vira um clã que o adota e atenua a solidão que ele sente, como pode.

Nesse aspecto, que heroísmo seu personagem principal simboliza?

Há vários tipos de heroísmo, e sobreviver é um deles. O caminho pelo qual ele decide ir é perigoso e talvez não mude nada, talvez ele nem sobreviva. Mas seja por teimosia ou por ego, ele vai adiante.

De que maneira o seu filme conversa com a tradição do cinema taiwanês?

Gosto muito do novo cinema que se faz lá, mas é nos mestres que eu mais encontro um abrigo. Falo de Tai Ming-liang e de Edward Yang, que são poetas ao falar da vida nas cidades. Edward fala sobre como as cidades corrompem as pessoas. Já Tsai aborda os absurdos da vida moderna. O que eu tento captar dos dois são os instantes que tornam o cotidiano urbano algo singular. As pessoas hoje têm dificuldade enorme de dialogarem. Meu filme fala sobre esse abismo da inabilidade de as pessoas conversarem.

Keff

Divulgação



On Becoming a Guinea Fowl

Divulgação



Blue Sun Palace

As primeiras joias que Cannes garimpou



Os filmes que viraram assunto no balneário, na disputa pela Palma de Ouro e fora dela

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Cannes segue até sábado. Até lá muita coisa boa há de aparecer. Desde quinta, fala-se sem parar em “Megalópolis”, o experimento extravagante, mas poético de Francis Ford Coppola sobre o Tempo. Mas outros títulos também ganharam espaço nas conversas de corredor da disputa pela Palma de Ouro de 2024 e no Maché du Film, a área de mercado do evento. Confira o que já caiu nas graças da cinefilia:

LE PROCÈS DU CHIEN, de



Transmitzvah

Divulgação



Le procès Du Chien

Divulgação

Laetitia Dosch: O enredo mais hilário de Cannes. Uma advogada (vivida por Laetitia) precisa defender Cosmos, um cão acusado de morder três pessoas. Se ela perder, seu cliente canino vai padecer na Carrocinha.

BLUE SUN PALACE, de Cons-

tance Tsang: Uma perda leva dois imigrantes chineses no Queens a estabelecerem uma delicada relação de troca e de confiança mútua.

ON BECOMING A GUINEA FOWL, de **Rungano Nyoni:** Mais badalado dos representantes da África no Festival, esta fábula

sombria da Zâmbia marca a volta da diretora de “Eu Não Sou Uma Bruxa” (2017). Rungano nos leva aos bastidores de um enterro, no qual a despedida de um tio provoca uma surreal transformação numa família

FURIOSA – UMA SAGA MAD MAX, de **George Miller:** Chris Hemsworth, o Thor, deu a Cannes seu primeiro personagem fascinante na fauna de tipos revelados este ano: Dementus. Líder de uma gangue que caça combustível e água na Terra Devastada (um futuro distópico), ele adota uma menina como filha e faz dela sua protegida: a Furiosa. Mas a menina busca se vingar dele.

LES FANTÔMES, de Jonathan Millet: Uma montagem eletrizante energiza este thriller sobre a caça a

criminosos de guerra sírios na Europa.

TRANSMITZVAH, de **Daniel Burman:** O realizador de “O Abraço Partido” (2004) chega à Croisette com seu melhor filme em anos. Nele, uma cantora de músicas em ídiche perde a voz e precisa da ajuda de seu irmão, com quem não se relaciona há anos, para recobrar sua saúde e cicatrizar feridas familiares.

RENDE-VOUS AVEC POL POT, de **Rithy Pahn:** O diretor do premiado “A Imagem Que Falta” (2013) nos transporta para 1978, no Camboja, quando três emissários da França vão investigar o genocídio de uma nação e quebrar com a propaganda oficial de um regime ditatorial. Irène Jacob é um dos destaques do elenco.

SCÉNARIOS, de **Jean-Luc Godard:** Antes de morrer, em 2022, por suicídio assistido, o diretor de “Acosado” (1960) deixou pronto este tratado sobre a gênese e a decadência da sociedade ocidental, construído a partir de imagens de arquivo, documentos e referências à espiral do DNA.

OH, CANADÁ, de **Paul Schrader:** Eis o filme mais “redondinho” da caça à Palma de Ouro, com Richard Gere em estado de graça no papel de um documentarista em estado terminal que passa sua vida em revista durante uma filmagem. Ele narra sua deserção durante a Guerra do Vietnã, quando optou por se refugiar em solo canadense sem jamais voltar.

'Aproveitei a oportunidade para experimentar sons'

A fluminense Thati Dias, de Macaé, se destaca na cena emergente da MPB com 'Soturna', seu álbum de estreia

"Soturna", primeiro álbum da cantora, compositora e instrumentista Thati Dias, é uma jornada íntima através das camadas da mente e da emoção, guiada pela voz suavemente potente e composições profundas. Desde 2020, a artista vem moldando meticulosamente esse trabalho, em colaboração com os produtores. No cerne de "Soturna" estão temas ansiedade e depressão, entrelaçados com arranjos intrincados e letras íntimas.

A música é uma poderosa ferramenta de expressão, e Thati a utiliza para abrir as portas da percepção e convidar os ouvintes a mergulharem em suas próprias emoções.

Com participações especiais de Juliane Gamboa, Pretidão, Suntizil, André Severo e outros, "Soturna" traz a essência artística de Thati, com a MPB como seu principal alicerce, mas abre grande espaço para outras sonoridades. As influências de R&B, jazz, MPB e soul são evidentes, mas é na singularidade da voz de Thati, embalada pelos arranjos inspirados, que o álbum se revela um bom achado na cena emergente da MPB, ou melhor, da Novíssima MPB.

A produção de "Soturna" ficou a cargo de Diogo Spadaro e Luiz Bento, dois produtores do interior do estado do RJ, com carreiras extensas, e fundadores dos selos "Isso Não É" e "Quintal Records", respectivamente. "Embora seja meu primeiro álbum solo depois de alguns anos de carreira, aproveitei a



Thati trilha diversas linguagens musicais em 'Soturna'

oportunidade para experimentar sons, samplers e timbres diferentes, fazendo do processo uma espécie de laboratório desse meu momento artístico. O resultado ficou entre o eletrônico e o orgânico, em algumas músicas dá para sentir uma bateria orgânica, gravada em estúdio como 'Um Labirinto em Cada Pé' e 'Soturna' e em outras percebemos

os beats mais duros, como 'Grotão da Penha' e 'Anelis Assunção', comenta a cantautora.

Das onze faixas do álbum, nove são inéditas e duas já foram lançadas como single, "Um Labirinto em Cada Pé" (Gui Held e Clima) e "Anelis Assunção" (Thati Dias), uma homenagem à cantora, filha do inesquecível Itamar Assunção



Divulgação

(1949-2003), ícone da chamada Vanguarda Paulista.

Em "Soturna", Thati Dias se credencia à uma prateleira alta entre as boas vozes da nova MPB. Seu trabalho é uma ode à vulnerabilidade, à autenticidade e à coragem de enfrentar os demônios internos. Nascida em Macaé, Thati começou a carreira em 2016 cantando em bares e casas de show. Foi vencedora de vários festivais de música autoral, dentre eles o TOCA 2020, com "Desconforto". É fundadora da banda Abufela!, com quem lançou EP, disco, e alguns singles. Odojá (2019), música mais conhecida da banda, com mais de 100 mil streamings no Spotify. Fundou também a roda de samba Faca N'Agô, da Região dos Lagos. Já fez trabalhos com renomados artistas, como Pedro Luís, Marcos Suzano e Arnaldo Antunes.

Yuri Corbal traz uma lufada pop à MPB

Artista lança seu debut 'Mais uma Vez de Volta ao Recomeço'

Compositor, cantor e multi-instrumentista, Yuri Corbal explora as nuances das relações amorosas e da jornada de autodescoberta, com melancolia, paixão e uma dose de otimismo em suas músicas. Após o sucesso de sua estreia, com o álbum "Mais uma Vez de Volta ao Recomeço", Yuri já prepara a próxima fase de sua carreira.

O artista, com sua mistura de

MPB e pop, conquistou mais de 6 milhões de plays em suas músicas ao longo de cinco anos de carreira solo. Neste período, vem acumulando experiências memoráveis: Yuri já dividiu palco com grandes nomes da música brasileira, como Nando Reis, Natiruts, Maneva e Jorge Vercillo, entre outros.

O músico vem lançando canções autorais e clipes, exibidos em



Caio Backer/Divulgação

Yuri, agora em carreira solo, lança álbum de estreia

canais por assinatura tais como Bis, Multishow, PlayTV, WooHoo e Music Box Brazil.

Em 2008, Yuri Corbal fundou com amigos a Kapitu, uma banda de rock que lançou dois álbuns de

estúdio ("Utopia", de 2013; e "Vermelho", em 2015), além de dois singles ("Cenas do Cotidiano" e "Atentados"). A banda realizou apresentações em diversos festivais e cidades pelo Brasil, marcando

presença em reconhecidos locais da música brasileira, como o Circo Voador, Fundação Progresso, Imperator, Teatro Municipal de Niterói, Acrópole (MG), e compartilhando palcos com renomados artistas como Pitty, Jota Quest, Raimundos e

Detonautas.

Em 2012, Yuri recebeu o prêmio de melhor guitarrista no Web-festival, um dos mais importantes festivais de música independente do país. Além disso, também foi responsável pela produção da trilha sonora do programa Transamérica Rock Clube, apresentado por Tico Santa Cruz e veiculado pela rádio Transamérica FM.

Com dez canções, o novo disco do Boca Livre traz parcerias com Nando Reis, Guilherme Arantes, Zeca Baleiro, Márcio Borges e Erasmo Carlos, além de releituras de músicas do Los Hermanos e de Tim Bernardes

Nasce, enfim, 'Rasgamundo'

Leo Aversa/Divulgação



'Rasgamundo', que marca a volta do Boca Livre, é o álbum mais autoral da discografia do grupo

Divulgação



um imaginário álbum do Boca Livre. E eu, que sempre fui fã alucinado dos quatro, me coloquei imediatamente disponível para a produção. Mal sabíamos que tudo seria tão rápido”, lembra Preto. “Mas, naquela mesma noite, sugeri que Zé enviasse uma melodia para Nando Reis, sabia que ia dar match. Deu nessa pequena obra-prima que é ‘Rio Grande’. E o novo álbum do Boca saiu do campo

Aespera acabou. “Rasgamundo”, o novo trabalho de inédita do Boca Livre, enfim, chegou aos aplicativos de música, pela MPB Discos / Som Livre. O 16º álbum do multipremiado grupo vocal carioca formado por David Tygel, Lourenço Baeta, Maurício Maestro e Zé Renato é um dos mais autorais do quarteto. Com dez canções, o disco traz parcerias com Nando Reis, Guilherme Arantes, Zeca Baleiro, Márcio Borges e Erasmo Carlos, releituras de músicas do Los Hermanos e de Tim Bernardes e da participação especial da cantora cabo-verdiana Nancy Vieira.

“O novo álbum do Boca Livre partiu da ideia do nosso reencontro, após ganharmos o Grammy de Melhor Álbum Pop Latino por ‘Passieros’, parceria com Rubén Blades”, diz Maestro. O Boca Livre, mais uma vez, está indicado ao 31º Prêmio da Música Brasileira como Melhor Grupo de MPB.

Segundo David Tygel, o grupo “continua na batida da originalidade da música vocal/instrumental, tanto em composições próprias quanto na interpretação de temas de outros compositores. Talvez, dessa vez, tenhamos ido em busca de furar outras bolhas para dialogar com compositores mais jovens, com propostas bem interessantes e, também, poder mostrar nossa música a seus públicos”.

Lançado em outubro de 2023, o single “Rio Grande” pavimentou o caminho que veio a dar no disco. Trata-se da primeira canção escrita por Zé Renato e Nando Reis, em parceria articulada pelo jornalista e produtor musical Marcus Preto. “Zé tinha acabado de se mudar para um período em São Paulo e veio tomar um vinho em casa. Algumas taças depois, já estávamos tendo mil ideias para

imaginário para a realidade”, comemora o produtor.

Logo após o lançamento e a ótima recepção de “Rio Grande”, os integrantes do Boca Livre concordaram que um novo álbum teria que vir. Marcou-se uma reunião com toda a turma – já incluídos no time os produtores Zé Nogueira e Marcus Preto – para definir os próximos passos. Foi decidido que haveria pelo menos uma composição autoral de cada integrante. Preto ficou encarregado de buscar repertório não-autoral: pediu uma canção a Guilherme Arantes, articulou a parceria de Zé Renato com Erasmo Carlos e foi em busca de canções já conhecidas, lançadas por nomes de gerações mais novas.

O álbum foi gravado no estúdio Visom, no Rio, entre janeiro e fevereiro de 2024. Zé Renato tocou os violões; Maurício Maestro, os baixos elétricos; Lourenço Baeta fez as flautas e o ukulele; David Tygel, a viola caipira. Completando a banda de base, Marcelo Costa tocou as baterias e percussões em todas as faixas e João Carlos Coutinho fez os pianos acústicos e elétricos. Os arranjos vocais têm sempre a assinatura de Maurício Maes-

tro, que escreve todas as vozes do Boca Livre desde a estreia do grupo. “Fui elaborando os arranjos e observando os detalhes de cada música, cada qual uma história única e ao mesmo tempo formando um conjunto coeso e definitivo”, define Maestro. O projeto gráfico ficou a cargo de Batman Zavareze e deve se desenrolar em uma bela edição em vinil.

“Rasgamundo” foi o último trabalho do músico e produtor Zé Nogueira, que partiu repentinamente, no dia 26 de abril, poucas horas depois de entregar a master do álbum.

O grupo já tem apresentações agendadas em inúmeras casas de shows do país. Estão no repertório as músicas do novo álbum e, também, clássicos da carreira, como “Toada”, “Mistérios”, “Quem Tem a Viola” e “Ponta de Areia”. A turnê de lançamento começa por Belo Horizonte, dia 31 de maio, no Sesc Palladium. No dia seguinte, 1º de junho, é a vez de Maceió, no Teatro Gustavo Leite. Dias 15 e 16 de junho, os shows são em São Paulo, no Sesc Pompeia. Em Florianópolis, o quarteto se apresenta dia 21 de junho, no Teatro do CIC, de onde segue para o Rio de Janeiro, dia 22 de junho, no Circo Voador.



Rodrigo Lopes/Museu Bispo do Rosário

A busca por um lugar de afeto e acolhimento

Mostra individual 'Um Muro no Fundo da Minha Casa' reúne mais de 100 obras de Bispo do Rosário, artista-símbolo da luta antimanicomial

O Museu Bispo do Rosário lançou, no último sábado (18) uma nova exposição com as obras de Arthur Bispo do Rosário (1911-1989). Intitulada "Um Muro no Fundo da Minha Casa", a mostra individual reúne mais de 100 obras de Bispo, e marca as celebrações da data do Dia Nacional da Luta Antimanicomial, do Dia Internacional dos Museus, ambos no dia 18 de maio, e faz parte das atividades de 100 Anos da Colônia Juliano Moreira.

Arthur Bispo do Rosário viveu por mais de 50 anos na Colônia Juliano Moreira e reuniu, através do bordado, da costura, do entalhe e da junção de diferentes materiais, um inventário que representasse o mundo para apresentá-lo a Deus. "Ao nos depararmos com o muro no fundo da casa de Bispo, somos levados a pensar em nossas próprias relações com o habitar e seus sentidos. Percorrer o caminho trilhado por Bispo nesta exposição é se deixar levar a lugares de afeto, relações de pertencimento e questionamentos sobre patrimônio e territorialidade. Afinal, quem tem direito de construir um lar

todo seu? Sem respostas prontas, a obra e trajetória de Bispo do Rosário nos colocam perguntas e criam novos contornos para discussões ainda pertinentes", destaca Carolina Rodrigues, curadora da instituição.

Para Carolina, a exposição "traz uma nova concepção curatorial sobre as obras de Arthur Bispo do Rosário, pensando em como o seu legado pode ativar discussões ainda tão presentes no nosso cotidiano", afirma. "Nessa mostra, refletimos sobre as consequências das políticas manicomiais na vida da população, levantando questões sobre o direito de habitar e pertencer, principalmente no território da Colônia Juliano Moreira, cuja institucionalização completa 100 anos em 2024", completa.

SERVIÇO

UM MURO NO FUNDO DA MINHA CASA

Museu Bispo do Rosário (Edifício Sede da Colônia Juliano Moreira - Estr. Rodrigues Caldas, 3400 - Curicica)

Até 30/9, de terça a sábado (10h às 17h)



Acima, a obra que dá nome à exposição e ao lado, Abajur

Uma saída pela arte

Nascido em uma família humilde, em Japarutuba (SE), Arthur Bispo do Rosário teve uma infância marcada pela pobreza e pela falta de oportunidades. Aos 30 anos, apresentou os primeiros sinais de esquizofrenia, o que o levou a ser internado em diversas instituições psiquiátricas.

Ao longo de quase 50 anos, Bispo do Rosário viveu recluso em manicômios, onde encontrou na arte um refúgio e uma forma de se expressar. Foi durante sua internação que Bispo do Rosário começou a criar suas obras de arte. Utilizando materiais simples e reciclados, como retalhos de tecido, madeira e tinta, ele produziu um vasto conjunto de obras que refletem sua visão única do mundo.

Sua produção artística é marcada por uma rica simbologia e por uma profunda religiosidade. Suas obras, muitas vezes grandiosas e complexas, retratam temas como a fé, a morte, a loucura e a redenção.

Apesar de ter sido inicialmente ignorado pelo mundo da arte oficial, Bispo do Rosário ganhou reconhecimento internacional nas últimas décadas. Sua obra é hoje considerada um dos mais importantes exemplos de arte bruta do século XX.